

EXU, O SENHOR DA TRANSFORMAÇÃO

ÈSÙ, THE LORD OF TRANSFORMATION

JAIRO DIAS CARVALHO (*)



(*) Jairo Dias Carvalho

Professor titular do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia-UFU-MG. Mestre e doutor em Filosofia pela UFMG e pós-doutor pela PUCPR e UFMG. Estudou Deleuze, Kant e Leibniz. Atualmente pesquisa a Filosofia da Tecnologia em Álvaro Vieira Pinto e coordena o Grupo Soberania Nacional. Faz parte do GT Filosofia da Tecnologia e da Técnica da ANPOF, que coordenou por três anos. Foi iniciado no Candomblé há 16 anos. ORCID: 000-0002-301748708

E-mail: diascarvalho@gmail.com

Resumo: O objetivo do artigo é apresentar alguns elementos da espiritualidade afro-brasileira presentes na compreensão da deidade Exu. Pretendemos mostrar uma possível existência de uma natureza dual de Exu a partir de uma reflexão acerca da tradução da sua saudação sagrada e de alguns de seus mitos e lendas. Pretendemos discutir se esta dualidade constitutiva pode ser compreendida a partir da determinação da função de Exu na visão de mundo afro-brasileira. Ao final, queremos mostrar que foi por causa de uma interpretação parcial de aspectos de sua dualidade que Exu foi identificado como inimigo do homem. Tal operação serviu a interesses político-teológicos de inferiorizar as crenças afro-brasileiras. Exu tem um aspecto benfazejo e é por causa de suas qualidades aparentemente opostas que ele cumpre a função de manter a ordem e criar novas ordenações no mundo fazendo, assim, com que a vida possa ser mais bem-vivida nesse mundo. Exu é o senhor da transformação.

Palavras-chave: Criação de mundo; Exu; Orixá da transformação; Religiosidade afro-brasileira;.

Abstract: The focus of this text is to present some elements of Afro-Brazilian spirituality present in the comprehension of Èsù (Eshu) deity. Intending to show a possible existence of a dual nature of Èsù (Eshu) as from a reflection on the translation of his holy salutation and some of his myths and legends. Meaning to discuss whether this constitutive duality can be understood from the determination of Èsù's (Eshu's) role in the Afro-Brazilian worldview. Finally, we want to show that it was because of a partial interpretation of aspects of his duality that Èsù (Eshu) was identified as the enemy of humankind. This handling served the theological political interests of inferiorizing Afro-Brazilian beliefs. Èsù (Eshu) has a benefic aspect and it is because of his seemingly opposite qualities that fulfills the function of maintaining order and creating new ordination in the world, therefore, making life better lived in this world. Exu (Eshu) is the lord of transformation.

Key words: Creation of the world; Èsù; Afro-Brazilian religiosity; Transformation Orisha.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

A luta presente e passada contra as matrizes africanas construtoras de símbolos e experiências religiosas no Brasil faz parte de uma estratégia que visa opor o *ocidente* ao *oriente*. Para fazer isto, foi e é utilizada uma prática de desvalorização das crenças e percepções dessa matriz.

A depreciação do modo como uma sociedade vê seu significado último e o sentido de sua existência é fundamental na mobilização das forças contra ela e no enfraquecimento de sua vontade de luta. Significa convencer o adversário (e de fazê-lo duvidar de si) que suas crenças fundamentais estão erradas e representam o que há de pior. Colocar o adversário do lado do negativo e mostrar-se como o polo positivo tem o efeito de fortalecer o ânimo de sua *tropa* e de enfraquecer a do inimigo.

O ataque aos deuses do adversário faz parte da guerra. É preciso mostrar que são deuses *negativos* e que são *fracos*, que não há esperança de vencer a guerra se seus deuses não lhes são propícios. *Matar* os deuses dos adversários é o primeiro passo para vencê-los materialmente.

A luta contra a paisagem religiosa afro-brasileira faz parte de uma estratégia de nos desligar de nossa irmandade com o continente africano. O Brasil é vizinho da África; está na outra margem do oceano que nos banha. A ligação estrutural com a África é nosso destino. Parece que sempre se quis evitar uma civilização sul atlântica. A luta contra a paisagem religiosa afro-brasileira é também uma maneira de enfraquecer o povo pobre e negro do nosso país. Uma das maneiras de inferiorizá-lo é retirar a potência de crença em seus deuses.

Outra importante questão é que determinadas crenças originadas na África concebem seus deuses como defensores do povo, de seus territórios. São deuses de domínios específicos e que sempre favoreceram àqueles que lhes são devotos. Os deuses têm geografia, têm *nacionalidade*. Isto é fundamental. A *universalização* ou *catolicização* sempre foi imposição de um deus imperial além dos territórios. O

imperador e o deus hegemônico sempre andaram juntos. Por isso é preciso lutar contra a paisagem afro-brasileira, já que há só um povo *escolhido*.

Neste contexto, a guerra religiosa assume a função de negatar a espiritualidade outra. Isso faz aparecer uma oposição entre a existência de um Deus único e os *falsos* deuses. É pior do que o dualismo que preconiza duas forças em oposição, ambas de mesmo caráter, trata-se da defesa de que só há um Deus e não deuses, ou de que há um Deus e um falso pretendente, Deus e falsos deuses. Concebe-se que há um só campo legítimo e outro que é impostor, por isso, o *deus verdadeiro* deve lutar contra o simulacro. Trata-se da crença de que só há um caminho, uma verdade e que *outros* caminhos são veredas que não levam a lugar algum ou levam ao abismo. Não há atalhos, mas becos sem saída. Essa é a pressuposição da guerra religiosa enquanto palco de uma luta pela supremacia da crença como componente subjetivo da guerra.

O outro, o falso, sempre foi chamado de *diabo*, demoníaco, adversário do Único. Aquele que é imagem dessemelhante do Deus, a dissimulação, o engano, a mentira. Trata-se de combater quem se coloca no lugar de Deus sem ter os requisitos para tanto, o que o *torna* um falso pretendente e o negativo encarnado. Assim, o ponto de partida da luta religiosa identifica e fixa no inimigo a imagem da negatividade geral e determina a falsidade de sua pretensão. O inimigo não é outro deus, mas um falso deus, o que se faz passar por ele.

A luta religiosa se legitima na identificação da *outra* espiritualidade como *diabólica*. Para tanto, destaca-se na paisagem religiosa em geral o elemento que *representa* o falso em geral. Na espiritualidade matricial afro-brasileira, o culto a Exu foi identificado como culto ao diabo, justificando-se, assim, a guerra à tradição afro-brasileira.

Nosso objetivo é pensar a *natureza* desta deidade e ver se haveria algum aspecto dentro de sua função cósmico-religiosa que pudesse permitir sua identificação com o *negativo* e o *diabólico*. Veremos que ao considerarmos a *natureza* de Exu aparecerão elementos de significação mais ampla do sentido de mundo, justificando, assim, uma abordagem filosófica da paisagem religiosa na qual ele se insere.

Toda interpretação religiosa de mundo tem como base a dualidade da extensão de validade de leis de um sistema. Essa dualidade é constitutiva do sistema (natureza ou universo), em que uma parte dele segue determinadas leis *ordinárias* chamadas de leis naturais, e a outra parte segue leis extraordinárias em relação às tidas como ordinárias. Sem a pressuposição da existência de domínios heterogêneos não tem sentido falar de Religião. Toda Religião se baseia na crença da existência dessa heterogeneidade e de que esses domínios mantêm certa relação. Fundamentalmente, haverá sempre dois *mundos*, duas regiões significativas paralelas que precisam ser postas em relação.

Para o complexo de crenças afro-brasileiro, em geral, quem opera estas relações é um conjunto de deidades. São elas que fornecem o acesso ao domínio significativo ou sagrado. É fundamental viver este mundo e para isso é preciso estabelecer relações com o *outro* mundo e as deidades são os mediadores *pessoalizados* destas relações.

Exu é o mediador por excelência da relação entre os domínios de sentido. E a questão toda é saber que tipo de mediação significativa aporta ao mundo e quais aspectos dela foram usados para deslocar Exu para a campo da negatividade, identificando-o com interpretações em geral com o significado de *diabólico*. Vale dizer neste momento que tratamos da entidade *Exu* dentro do que se costumou chamar de afro-brasileira em geral.

Nossa hipótese é que Exu, o mediador universal, aquele que religa dois domínios paralelos, possui uma dualidade constitutiva em sua natureza. Uma interpretação equivocada de um dos elementos dessa dualidade foi utilizada para *demonizá-lo*. Para compreendermos sua dualidade, faremos um estudo sobre o Oriqui (*Oríki*, em Iorubá), saudação sagrada, louvação, elogio de Exu; e alguns de seus mitos e lendas.

1. ORIQUI DE EXU

Para o estudo do Oriqui de Exu nos basearemos no texto *Èsú Òta Òrisà: um estudo de Oríki* de Luiz Marins (2010), pesquisador das religiões afro-brasileiras. Para o estudo dos mitos e lendas, utilizaremos, principalmente *Lendas de Exu*, de Adilson Martins

(MARTINS, 2008) e a tese de livre docência de Vagner Gonçalves da Silva (DA SILVA, 2013) intitulada *Exu Brasil: O Senhor de Muitos Nomes*.

Em geral, nesses materiais todos, Exu é visto como o senhor do caos, como aquele que provoca discórdias, traz desordem, confusão, loucura, desregramento e embriaguez. Mas também aparece a imagem em que traz ordem, organiza o mundo, propicia as coisas acontecerem na vida das pessoas, disciplina e abre os caminhos da vida. Como compreender esta visão dupla de Exu?

Luiz Marins (Ibid) fez um extenso estudo sobre as traduções do Oriqui de Exu do Iorubá para o português. Seu objetivo era mostrar que Exu não deve ser confundido com um poder maléfico e que não deve ser interpretado a partir de conceitos europeus, mas a partir da experiência fundamental de que Exu é amigo do homem:

Èsú é um poder espiritual que Olódúmaré criou e colocou à disposição da humanidade para auxiliá-la no cumprimento de seu destino, um poder indispensável à disposição de tudo e de todos, e não uma entidade puramente ambígua pelo simples prazer de sê-lo (Ibid, p.33¹).

Para defender essa ideia, o autor faz uma importante incursão pelas traduções do Oriqui de Exu mostrando a equivocidade das saudações ao Orixá. Na sequência, analisaremos alguns versos do Oriqui.

Marins aponta uma controvérsia sobre a significação da seguinte saudação feita a Exu: *Èsù Óta Òrìsà*. Como traduzir *Òtá*, palavra Iorubá? Sem tomar partido entre as diferentes traduções, ao fazermos uma lista delas, constatamos uma equivocidade e pluralidade de significações envolvidas na compreensão de Exu a partir do estudo do autor. Uma das traduções do verso foi: *Exu, o inimigo dos Orixás* (Ibid, p.39-40)². Segundo Marins (Ibid, p.28), *Òtá* significa inimigo; *Ota*, pedra e *Òta*, campeão do jogo de *ayó* (jogo Iorubá)³ e essas diferentes grafias foram usadas para saudar Exu. A

¹ Olódúmaré é o deus supremo da tradição Iorubá, etnia que veio ao Brasil como escravizada.

² Não podemos, no âmbito deste artigo, discutir as razões das diferenças tanto das grafias e traduções utilizadas em inglês e português inteligentemente compiladas por Marins ao qual remetemos o leitor, cujo texto referenciamos acima.

³ Para maior esclarecimento sobre o jogo ver o próprio Marins, op. cit. p.54-61.

pronúncia da palavra é a mesma, mas sua grafia é diferente e, por consequência, a tradução, já que a língua Iorubá é tonal (Ibid, p.27-29). Vejamos diferentes traduções e grafias da saudação catalogadas por Marins (Ibid):

- 1- *Èsù òtá Òrisà*: Exu, o inimigo das divindades; Exu, o inimigo invisível do homem; Exu, o adversário das divindades.
- 2- *Èsù òta Òrisà*: Exu, a pedra angular dos deuses; Exu, o vingador dos Orixás; Exu, o portador da pedra.
- 3- *Esù òtá Òrisà*: Exu, o inimigo das divindades; Exu, inimigo de outro Orixá.
- 4- *Èsù òta Òrisà*: Exu, o inimigo dos Orixás.
- 5- *Èsù òdta Òrisà*: Exu, o Oficial da Guarda dos Orixás.
- 6- *Èsù òta Orisa*: Exu, aquele que é um (que come junto) com as divindades.
- 7- *Esu òta Orisa*: Exu, a pedra fundamental do Orixá.
- 8- *Èsù Òta Órisà*: Exu, o Orixá vencedor.

A saudação foi grafada e traduzida de diferentes maneiras. Podemos agrupá-las em dois grupos fundamentais: o primeiro concebe Exu como uma entidade que possui uma animosidade em relação aos homens e às outras entidades; o segundo que enfatiza a qualidade de Exu como um Orixá⁴ vencedor, como aquele nos auxilia a vencer as dificuldades e como um certo tipo de administrador do mundo.

A tradução do Oriqui como *Exu, inimigo dos Orixás* se baseia na modificação da grafia e se tornou a tradução fundamental na *demonização* de Exu. A que se articula em torno de *pedra* se baseia em outra grafia e significa que, sem Exu, não há Orixá, já que ele é o fundamento do culto. A que se articula em torno de *Exu, vencedor* se baseia numa interpretação de Marins de que *Òta* tem a ver com uma qualidade do jogador de *ayó* e com a perspectiva de que Exu teria sido criado para auxiliar-nos nas dificuldades da vida.

No texto de Marins, encontramos algumas explicações para as diferentes traduções do Oriqui de Exu: linguísticas, teológicas e, ao final, o próprio autor diz que se trata de uma aculturação dos tradutores, que em sua maioria aceitaram a interpretação dos colonizadores e reinterpretaram Exu modificando a grafia da palavra. De qualquer

⁴ Orixá é o nome dado às deidades do complexo de crenças dos Iorubás.

maneira, ao lado da interpretação negativa aparece uma visão do Orixá enquanto propiciador, enquanto benfazejo.

Outra saudação a Exu que aparece no seu Oriqui, cujas traduções Martins faz a lista, também mostra a dualidade do Orixá (MARINS, 2010):

- 1- *A s'òtun, s'òsì lá ní ìtíjú*: Aquele que fica dos dois lados sem sentir vergonha.
- 2- *A s'ótún-s'òsì láì ní títíjú*: Ele (Exu) faz parte de dois acampamentos adversários sem ter qualquer sentimento de vergonha.
- 3- *Asotun-sosi lai ni itiju*: Ele que toma partido sem envergonhar-se.
- 4- *Asòntún se òsì làì ní ìtíjú*: Exu, que joga nos dois times sem constrangimento.
- 5- *A s'òtún, s'òsì lá ì ní ìtíjú*: Ele se orgulha de sua dupla conduta.
- 6- *Asè ó tun sé òsì ní ìtíjú*: É aquele que tem o axé do tato, da percepção e da sensibilidade.
- 7- *Asontun se osi lai ni itiju*: Ele toma partido sem constrangimento (sem envergonhar-se).

Nessa saudação aparece a imagem de Exu como aquele que faz parte de dois acampamentos adversários sem ter sentimento nenhum de vergonha de pertencer a ambos; que está nos dois lados adversários e não sente vergonha alguma de estar num lado que é contrário ao outro; que toma partido sem envergonhar-se; que joga em dois times sem constrangimento, para o bem e para o mal, e que se orgulha de sua dupla conduta. Também aqui podemos perceber a natureza dual de Exu.

Gostaríamos de destacar outros dois versos do Oriqui de Exu compilados por Marins (p.48-49): *Ò dá sòkòtò pénpé je aláso etú ní ìyà* que foi traduzido como *O homem pequeno que castiga o poderoso*; e *Eréjà* traduzido como *Ele coleta as obrigações do mercado*; ainda *Lógémon órun a n'lá káalú* que significa *Senhor poderoso e inflexível no céu, grande coletor de impostos da cidade*. Aparece nestes versos a visão de Exu como agente da ordem.

Para Marins (Ibid, p.31-33) — e estamos de acordo com ele —, numa visão tradicional, Exu é aquele que mantém o delicado equilíbrio entre as forças benevolentes e malevolentes do universo, possuindo qualidades multiformes e multifocais justamente para estabelecer o equilíbrio entre o mundo espiritual e o mundo físico. Exu é aquele que

deve resolver tudo que aparece como problemático. Ele possui o poder de realizar, a função de policial e certa neutralidade. Trata-se de uma imagem de Exu como garantidor da ordem. Apesar disso, há também certa visão que o mostra como possuindo uma natureza caprichosa:

Embora Exu, [sic] seja um dos Orixás, ele não está sempre favorecendo-os, e ao contrário dos outros deuses, ele não está sempre ajudando os seres humanos. Parece razoável assegurar que a ação de Exu em ajudar ou bloquear qualquer Poder ou Ser, é algumas vezes por seu capricho, e outras vezes na intenção de punir os transgressores, especialmente aqueles que se negam a realizar os sacrifícios prescritos. Exu, portanto, assume o papel de um policial imparcial, punindo aqueles que perturbam a ordem do universo... (MARINS, 2010, p.32).

Em outro verso do Oriqui aparece a afirmação de que são demandados honra e respeito a Exu, que é o juiz divino das lutas, o árbitro das contendas humanas. Trata-se do verso *Alágogo ìjá l'orúko ìyá n'pê* é que significa em uma de suas versões: *Alágogo ìjá é o nome que ìyá o chama*. Segundo Marins (Ibid, 2010, p.64), Exu é um Árbitro, um juiz divino com poder sobre os dois mundos.

Assim, na saudação sagrada a Exu, ora ele é apresentado como regulador, árbitro, ora como inimigo do homem. Como explicar tamanha equivocidade? Para Marins, trata-se de uma aculturação dos sacerdotes que aceitaram uma interpretação diabólica de Exu. Sem descartar de todo esta hipótese, na sequência proporemos outra.

2. MITO DE EXU

Nos mitos, costumam a aparecer duas grandes representações de Exu: a primeira é a de um Deus que precisa ser aplacado, que é cheio de caprichos, invejoso, e que se não for acalmado, alimentado e lhe prestado o devido cuidado, em primeiro lugar, irá causar desordem, confusão e caos. Nesta representação, Exu é uma força anárquica, que desequilibra e tira tudo do eixo. Há alguns mitos que o mostrarão como turbulento, com a função de desequilibrar, de trazer desordem ao mundo. Será que há uma razão que explique a dualidade da natureza de Exu que também aparece nos seus mitos?

Em um dos mitos catalogados por Vagner Gonçalves da Silva (2013) e recolhido, segundo ele, por Lydia Cabreira mostra que Exu come, faz algo errado e coloca a culpa em outro:

Folgazão muito amigo da aguardente, comilão, *Eleguá Aláyeki* não tem escrúpulos em saciar seu apetite às custas do melhor amigo. Numa época em que andava muito frequentemente de farra com Osú- outro mensageiro de Obatalá- embebedou-o e este caiu no sono. Eleguá aproveitou-se do fato para roubar um bode. Matou-o, comeu-o e a culpa roubo recaí sobre Osú, porque Eleguá derramou o sangue do animal em sua boca, deixou os ossos a seu lado e desapareceu. Quando o achelú viu Osú com a boca e metade da cara ensanguentada foi fácil deduzir quem era o ladrão. (p.273)⁵.

Em outro mito (MARTINS, 2008, p.62-64) lemos que Exu e o esquilo eram muito amigos. O esquilo era um camponês bastante próspero, o que despertou a cobiça de Exu. A cobiça o levou a buscar orientação para apoderar-se da propriedade do esquilo e roubá-lo. Para tanto, ele foi instruído a fazer um sacrifício em que tinha que oferecer um cabo velho de enxada, uma pedra de esmagar nozes e um jarro cheio de água. Exu faz o sacrifício e se dirige ao rei dizendo-lhe que era muito trabalhador, mas que era o esquilo quem ficava com tudo, com todo o milho dele.

Exu provocou uma confusão na propriedade do esquilo e, então, o rei mandou emissários irem até lá descobrir a verdade. Ao chegarem lá, viram o esquilo em uma árvore: “É trepado nesta árvore que cultivas a terra?” (Ibid, p.63). Os emissários ficaram desconfiados sobre se o esquilo realmente trabalhava ou não. Exu mostra a enxada argumentando que trabalha tanto que ela estava com o cabo quebrado e mostra as outras ferramentas. E, então, o rei proclama Exu com o legítimo dono da terra e de tudo o que nela pudesse ser colhido. O esquilo vai embora e amaldiçoa Exu: “Tu és um ladrão, tu não vales nada! Eu conquistarei outras coisas e terei muitos filhos, tu não poderás ter mais nada!” (Ibid). Na sequência é dito que o esquilo para viver não precisa senão de subir em árvores e procriar, ao passo que Exu jamais conseguirá ter filhos e nem se fixar por muito tempo no mesmo lugar. Então, mitologicamente, Exu não pode ter filhos porque foi

⁵ Os nomes Iorubás que aparecem na citação são de entidades desse panteão.

amaldiçoado pelo esquilo por tê-lo roubado. Trata-se de uma imagem de um Orixá turbulento e invejoso.

Em um mito recolhido por Roger Bastide (DA SILVA, 2013, p.263-64) lemos que: “Para não ser punido pelo rei devido ao espírito turbulento, Exu foge e todos na cidade se esquecem dele. Como vingança provoca uma série de infortúnios fazendo com que o rei proíba as cerimônias”. Então Exu se transforma em espírito e exige a primazia das oferendas ofertadas aos deuses para restabelecer a paz no reino. Os *babalorixás*⁶ duvidam do poder de Exu que joga um feitiço neles e os prendem nas cadeiras só conseguindo soltar-se quando aceitam a primazia de Exu.

O mito mais antigo, recolhido de Exu data de 1885 (Ibid, p.245-247). Nele é dito que Exu usa um chapéu com duas cores e faz dois amigos se desentenderem. Eram dois amigos inseparáveis que tinham caráter afim, gostos tão semelhantes que espontaneamente coincidiam em seus juízos de opiniões. Eram amigos exemplares, os melhores do mundo e jamais haviam discutidos, e então Exu resolve indispor-los. Os amigos discordam sobre a cor do chapéu e se matam. Há muitas versões deste mito e todos relatados pelo autor no texto referido acima.

Em outra versão (Ibid, p.247) é narrado que Exu certa vez causou discórdia entre dois amigos que estavam trabalhando em campos vizinhos. Ele colocou um boné vermelho de um lado e branco do outro e passou ao longo de um caminho que separava os dois campos. Ao fim de alguns instantes, um dos amigos fez alusão a um homem de boné vermelho e o outro retrucou que o boné era branco, e o primeiro voltou a insistir, mantendo sua afirmação, e o segundo permaneceu firme na retificação; como ambos eram de boa-fé e se apegavam aos seus pontos de vista, sustentando-os com ardor, logo depois com cólera, acabaram lutando corpo a corpo e se mataram. Será que Exu não queria que dois amigos permanecessem fiéis um ao outro? Sua ação era puro capricho?

Uma interpretação possível era que os dois amigos não fizeram o prescrito por Exu, e por isso foram punidos. Outra é que como eram amigos e não brigavam muito, Exu quis fazê-los brigar para mostrar o seu poder. Outra, ainda, é que como os dois

⁶ Sacerdotes.

estavam apegados às suas perspectivas, Exu quis mostrar-lhes que pelo fato de se estar apegado a elas, um sempre vai querer matar o outro. Haveria outro motivo para Exu causar discórdia?

Em outro mito lemos que Exu obrigou *Orunmilá*⁷ a fornecer-lhe comida (MARTINS, 2008, p.17-19): Exu não queria trabalhar e vivia pedindo de tudo a Orunmilá que um dia disse: *basta*. Orunmilá fazia adivinhações e, então, Exu se instalou na esquina, na encruzilhada e quando as pessoas lhe perguntavam se conhecia o adivinho, afirmava que Orunmilá não morava ali, e assim, este começou a ficar pobre porque Exu desviava todo mundo no caminho. E foi por causa disso que, depois, Orunmilá ficou obrigado a alimentar Exu.

Como podemos ver, esse conjunto de mitos mostra a imagem de Exu como um ser caprichoso, que tem vontades próprias que têm de ser satisfeitas em primeiro lugar, e que se isso não ocorrer ele provocará uma ação caótica. O que significa essa visão de que Exu é caprichoso?

Nossa interpretação é de que se trata de uma visão global sobre o significado das entidades da paisagem afro-brasileira. Elas seriam entidades que existem no mundo sem função específica, sem propósito, que devem ser cultuadas e que se não o forem irão nos prejudicar. Para essa visão, se não as cultuamos, a vida desanda. Isso também significa que se quisermos realizar algum desejo, devemos fazer algo para elas. Trata-se da perspectiva de que a dimensão espiritual seria manipulável, de que os as entidades espirituais não teriam função alguma, sendo forças que devemos cultuar e que podemos manipular. Podemos, por exemplo, usar Exu para nossos objetivos.

Há um mito que reforça essa visão (Ibid, p.47-53). Nele lemos que Exu tinha um amigo que o cultuava sempre, que era muito esperto e que usava aquele para conseguir o que queria. Tratava-se de um homem muito devoto a Exu e que não gostava de trabalhar e, para sobreviver, enganava todo mundo, fazendo-se passar por mago. Como era muito devoto, Exu gostava muito dele. Certa vez, o homem disse ao rei que era capaz de pegar dois inhames, colocar fogo, jogá-los no chão e fazê-los brotarem de novo. Mas a situação

⁷ Entidade responsável pelo destino.

fica fora de controle quando o rei coloca dois guardas para vigiarem os inhames queimados. Exu, ao ver o devoto em apuros, intervém levando os guardas para beber. Em seguida, o homem pega dois inhames novos, coloca-os debaixo no chão e, no outro dia, os inhames florescem e ele salva o devoto: “E foi assim que Exu defendeu em um momento de grande perigo, alguém que lhe prestava permanente referências” (Ibid, p.53).

Esse mito dá a entender que se alguém possui uma relação próxima a Exu sempre se safará e que Exu, para conseguir as coisas para seu amigo, se utilizará da desordem e da confusão. Neste conjunto de mitos vemos a representação de Exu, como turbulento, caprichoso, invejoso, operador mágico provocador do caos.

Mas há uma segunda interpretação, apoiada em alguns mitos em que Exu não é para ser usado em interesses particulares, mas que foi criado porque precisa cumprir determinadas funções na Terra, ajudando-nos a caminhar nesse mundo, sendo que este caminhar não é algo que se possa fazer realizando apenas interesses particulares. Se for assim, se os Orixás, no caso da tradição Iorubá, foram criados para auxiliar os homens nesse mundo, eles não podem fazer, por motivos superiores, tudo que desejarem pois têm funções a cumprir.

Há muitas tarefas que Exu cumpre e destacaremos, na sequência, algumas que aparecem nos mitos e lendas, especificamente, as que podem ser agrupadas sob a função de ordenação do mundo.

Exu age nas disputas: toda vez que há um conflito entre demandas que incidem sobre o mesmo domínio quem decide é Exu. Vejamos o mito do Ferreiro e do Fole (Ibid, p.20-21), por exemplo. Nele, vemos que cada um se acha mais importante do que o outro, de modo que, toda vez que algo assim ocorre e há uma disputa para saber qual deles é o mais importante, será Exu que arbitrar. O ferreiro e o fole estavam querendo saber qual dos dois era o mais importante no trabalho da ferramentaria. O ferreiro pede a Exu que resolva a contenda e o presenteia com uma faca belíssima. No outro dia, Exu aparece na oficina. Ele pede ao ferreiro para soprar as brasas para incandescer o ferro, mas este não consegue acender o fogo. Então Exu, diz que ele é fraco, pedindo ao fole para soprar as brasas e amarrar sua boca para que nada se perca de seu sopro: “Tocado em sua vaidade, o fole permitiu que Exu amarrasse sua boca à entrada da forja e, com alguns sopros,

acendeu as brasas” (Ibid). Então, o fole, cheio de orgulho, diz: “Agora que este tolo já sabe qual de nós dois é o melhor, solta-me Exu, para que eu possa dar as ordens em seu trabalho” (Ibid, p.21). Exu lhe responde: “Soltá-lo? Mas por nada deste mundo!... Teu lugar é aí, com a boca sobre as brasas, aticando-as para que o ferreiro possa trabalhar em paz. Agora já deves saber qual dos dois é tolo e qual dos dois é o mais importante dentro de uma oficina” (Ibid).

Nesse mito, vemos a ação de Exu mostrando aos seres seus lugares no mundo e combatendo a presunção. Exu age para mostrar qual é o lugar das coisas porque não admite pretensões infundadas. Se alguém tem uma pretensão sem fundamento, fundada no desejo e vaidade, Exu punirá. Ele é, neste caso, o *inimigo* do presunçoso e do vaidoso.

Em outro mito, *O barco e o cais* (Ibid, p.42-46), observamos novamente o papel de árbitro de Exu. O cais e o barco disputavam para saber qual deles era o mais importante, então Exu determinou que cada um fizesse um sacrifício. Mas o barco decide não fazê-lo, pois era vaidoso e presunçoso. Com isso, Exu exclama: “Pois bem, vou tratar de sua empáfia agora mesmo” (Ibid, p.43). E sai produzindo uma animosidade geral ao barco.

Exu se dirige ao rei dos mares para reclamar do barco dizendo: “Trata-se de um tal de barco. Invenção do homem. Começou sua carreira humildemente, mas agora, ninguém sabe por quê, ficou tão vaidoso que se autodenomina reis dos mares” (Ibid, p.45).

Exu vai também até *Oyá*, a senhora dos ventos. Ele diz que sua visita é por causa de um caso de usurpação: “Já ouviste falar de um tal de barco que habita o reino de Olocum?”. Ela responde: “já”. “Pois é, ele é mesmo um usurpador, o barco vem tentando usurpar de ti, o reinado sobre o vento”. Exu diz que:

O tal barco possui um pedaço de lona, a que chama de vela, que, segundo ele mesmo afirma, tem o poder de aprisionar o vento, fazendo-o trabalhar como um escravo que o leva para onde pretende ir! Por este motivo, vive declarando a todo mundo que ele reina sobre o vento! (Ibid, p.45).

Exu provoca uma intriga em favor do cais, pois não permite a empáfia e que alguém tome o lugar de outro em nome da vaidade. Exu é aquele que determina a fronteira e os limites, ele é o delimitador. Na sequência do mito, os elementos combinados, vento e água destroem o barco e o cais permanece ileso no seu lugar.

Em outro mito é narrada a disputa a respeito de quem deveria ter o controle sobre os homens (Ibid, p.27-30): Orunmilá, o senhor do destino, ou a morte. Exu será árbitro e fiscal, com a obrigação de denunciar quem trapacear a disputa. A prova consiste em jejuar por três dias inteiros — quem o conseguisse ficaria como encarregado de orientar a humanidade em sua trajetória pela vida. Parece que Exu compreendia que se a morte comandasse os homens, estes seriam destruídos e, por isso, ele monta uma estratégia para derrotá-la e favorecer Orunmilá. A estratégia consistiu em lambuzar Orunmilá de comida, dando a entender que não conseguira resistir ao jejum e fazer a morte comer, já que tinha sido induzida a acreditar que seu adversário comera antes.

Exu, como senhor dos caminhos, não permite que qualquer um passe pelo caminho que desejar. É ele quem estabelece o lugar das coisas, quem equaliza as disputas para que não ocorram injustiças, como na lenda do sapo e do búfalo (Ibid, p.93-96). O búfalo e o sapo estavam disputando o amor de uma mesma mulher. Exu propõe uma corrida para ver quem é que vai ficar com ela, mas sabe que o sapo não irá conseguir. Então, Exu pede para o sapo chamar seus irmãos e distribuí-los pelo caminho. Assim, toda que vez que o búfalo está correndo e pergunta pelo sapo, ele ouve a resposta “estou aqui”, mas sempre será outro sapo a responder. Exu vai dar a vitória ao sapo porque não permite que dois contendores, que são muito dispares em termos de forças, possam se confrontar sem que se possa ao menos equalizar um pouco o poder de um contra o outro. Trata-se de uma função importante, de produzir certa equalização na disparidade.

Vejamos o mito acerca da disputa sobre quem comanda um lago: um hipopótamo ou um sapo (Ibid, p.104-107)). Nestecaso, o sapo será derrotado. O mito narra que o sapo se revolta contra o comado do lago pelo hipopótamo:

Não vejo justiça no fato de o hipopótamo ser rei só porque é muito maior que todos os animais do lago... se fôssemos adotar um critério justo, haveríamos de coroar um novo rei, não pela avaliação do seu tamanho, mas sim por sua inteligência e versatilidade e, com toda certeza, uma vez utilizados estes critérios seria eu o coroado. (Ibid, p.104).

A revolta do sapo encontra ressonância em alguns dos seguimentos da comunidade. A ordem começa, assim, a ser ameaçada, então Exu é chamado a intervir. O sapo estava querendo mudar o mundo porque o achava injusto. Nesse mito, Exu vai ficar do lado daquele que tem a ordem, não da revolta. O hipopótamo se defende dizendo que era pacífico, mas que se fosse necessário se utilizaria da força para manter a ordem. O sapo exigia uma mudança imediata porque, além de se tomar como o mais inteligente, ainda se defende dizendo que:

Quero revelar a todos, neste momento, um segredo.... Se quiser, e quando quiser, posso aumentar de tamanho, ficando até maior e mais forte que meu opositor! Se não o faço é para não humilhar os outros animais, nem ocupar um espaço exagerado... (Ibid, p.105-6).

Exu fala para o sapo que, se ele se mostrar maior que o hipopótamo, irá ganhar a disputa: “É só você estufar o peito”. Aí, o sapo vai estufando o peito para ficar grande até estourar e, assim, a revolta é derrotada: “E é desta forma que Exu castiga aqueles que querem ser o que não podem. Força-os a inflar-se com o ar da vaidade, até que explodam e morram sem conseguir realizar seus delírios de grandeza” (MARINS, 2008, p.107).

No mito sobre a chuva e o fogo (Ibidem, p. 108-110) vemos novamente uma disputa sobre quem é mais importante que quem: “Eram muito comuns, na antiguidade, disputas pelo poder entre os animais, elementos da natureza e até mesmo objetos que, então, possuíam vontade e ânimo próprios”. (Ibid, p.108). E era sempre Exu o chamado para resolvê-las.

Quem era mais capaz de influenciar — com mais eficácia — as atitudes humanas: a chuva ou o fogo? Exu propõe que cada um faça um sacrifício e promete neutralidade na disputa, mas a chuva se nega a fazê-lo. Exu propõe um desafio para resolver a questão: “Veem aquele homem que se dirige pelo caminho que leva ao vilarejo?... Pois o vencedor será aquele que fizer que tire o manto que cobre o seu corpo” (Ibid, p.109). A chuva se lançou ao homem, mas, em vez de fazer o homem tirar o manto, fê-lo enrolar-se ainda mais nele. Já o fogo se fez aparecer em forma de uma pequena fogueira e o homem, encharcado e com frio, aproximou-se do fogo e tirou o manto. “E foi assim que a chuva, por sua vaidade, perdeu para o fogo a disputa estabelecida por Exu” (Ibid, p.110). Ao não

fazer o sacrifício exigido, a chuva se mostrou confiante demais e se expôs ao estratagema de Exu. Talvez, se ela o tivesse feito, teria sido usada outra estratégia para resolver a contenda. Se no mito do barco e do cais o elemento artificial (o barco) se achava superior e, por isso, foi levantado contra ele a fúria dos elementos, fazendo- perder para outro elemento artificial (o cais), agora vemos um elemento artificial de certo modo (o fogo) vencer um elemento natural. O importante é ver que Exu é aquele que age no sentido de organizar as pretensões e de estabelecer os domínios de cada um no mundo.

No mito do elefante e do passarinho (Ibid, p.130-36) temos de novo o problema da disputa sobre a importância de um sobre o outro. Mas, neste caso, a resolução de Exu será outra: ele derrotará o poderoso. O elefante é poderoso, elegante, prepotente e cheio de brutalidade: “*Ajinakú*, o elefante, era por demais vaidoso de sua força e tamanho. Não respeitava nada nem ninguém e não relutava em usar de força bruta para conseguir o que queria” (Ibid, p.130). Os outros animais reclamavam: “Não é possível aguentarmos mais tanta prepotência, tanta brutalidade”. Cansado de tanta baderna o rei resolve pedir o auxílio de Exu.

Exu decide derrotar o elefante com o bichinho mais fraco, um passarinho pequenininho: “Somente sabedoria e astúcia podem derrotar a força bruta! Diga-me, majestade, qual é o menor animal que habita em teus reinos?” (Ibid, p.131). Exu monta o seguinte estratagema: o passarinho deve desafiar o elefante e, toda vez que atacá-lo, irá jogar coisas nele, como uma tinta vermelha, simulando assim que o passarinho o ferira.

No embate, o elefante fica todo com a cor avermelhada e, em função disso, o passarinho pede ao rei que pare o combate: “Solicito que a luta seja suspensa e eu, declarado vencedor! Meu adversário sangra abundantemente, como se pode ver, e não seria prudente prosseguir a luta” (Ibid, p.134). O elefante afirma que não estava acontecendo nada demais e, então, Exu joga cinzas nele. Com isso, o passarinho pede novamente para a luta ser interrompida porque parecia que cérebro o elefante estava sendo destruído.

Exu continuava jogando coisas no elefante enquanto o passarinho ficava dando voltas nele. E, assim, a luta teve que ser interrompida por que todos achavam que o elefante fosse morrer. Dessa forma, o passarinho ganha a disputa porque o elegante foi

enganado por Exu. Nesse sentido, Exu é aquele que muda as correlações de força, fazendo um passarinho pequeno humilhar um grande animal. Essa é uma função importante. Em várias ocasiões, aqueles que são humilhados pedem a Exu o reparo e ele os eleva. Exu é aquele que permite a cada um saber qual é a sua posição e a não extrapolar suas pretensões, sendo Exu o senhor da ordem.

3. CONCLUSÃO

Como conciliar todas estas visões sobre Exu? Para fazer isso, recorreremos a um mito recolhido por Lydia Cabrera e catalogado por Vagner Gonçalves da Silva (2013, p.269). No mito, vemos Exu defendendo Oxum de ser possuída por Xangô. É relatado que em um dia no qual Oxum se encontrou com Xangô, que era apaixonado por ela, em um caminho no qual não havia ninguém, este quis abusar dela. Os dois começaram a brigar. Oxum, sabendo que seria dominada por Xangô, evoca Exu, que a salva. Ele aparece e não deixa Xangô violentar Oxum⁸ e os separa dizendo: “Vá embora Xangô, nem dê um passo a mais. Sou o dono do caminho, deixa Oxum em paz”. (Ibid, p.269).

Comentando o mito, Roger Bastide (1958, p.183-86) diz que depois Oxum se tornou a mulher de Xangô. Se anteriormente Exu impedira os dois de se acasalarem, mais à frente não interferiria mais. Xangô e Oxum acabaram por viver juntos. Bastide explica que tal relação é benéfica aos homens e, quando isso acontece, Exu não atrapalha. Da relação entre Oxum com Xangô nasce a chuva benéfica. Trata-se de uma equalização entre a violência da água destruidora, que a tudo rompe de Oxum, e a violência do raio, do fogo de Xangô. Quando a relação entre os dois se torna uma relação legalizada e não fruto de uma violência sexual Exu não interfere:

Exu não pode e não quer impedir que a chuva caia, mas a chuva tanto pode destruir a colheita, esburacar a terra, como fazer crescer as plantas; o raio também, tanto incendeia como apenas pune os maus. Chuvas e raios devem, pois, ser controlados em suas manifestações, e é Exu que aparece, nesses mitos à primeira vista contraditórios, em que ora separa, ora deixa que a união se efetive, como o controlador todo-poderosos desses fenômenos cósmicos (Ibid, p.183).

⁸ Entidades do panteão Iorubá.

Segundo Bastide, simbolicamente, tudo isto significa que Exu possui o papel de controlador das manifestações violentas dos Orixás. Exu é quem vai impedir que a violência dos Orixás possa se expressar e destruir os homens. Ele age para controlar as manifestações violentas, excessivas ou “ilegais” dos elementos todos. Exu é o regulador cósmico, quem impede os encontros brutais das forças da natureza provocadores de choques fatais. Exu é o organizador do universo. Quando Exu provoca desordem, caos, brigas, desavenças, trata-se, segundo Bastide, do reverso do equilíbrio. Ele usa o caos para purificar, para organizar a vida, causa confusão porque busca criar ordem.

Como compreender essa dupla operação desencadeada por Exu? Ao compreendermos isso, compreenderemos sua natureza dual.

Exu é o poder organizador do caos (PEIXOTO, 2016). Ele usa o caos para organizar as coisas e a confusão para buscar a concórdia. Exu utiliza o caos para purificar a ordem porque possui uma função no sistema religioso: é o guardião da ordem e quem regula as forças brutais. Exu é o temperador, o que tempera e regula. Assim, tudo aquilo que é excessivo, exacerbado, Exu organiza, equilibra, articula. Contudo é também o senhor do caos porque, para chegar à ordem, é necessária a desordem. Depois da confusão há compreensão. Exu é o senhor do caos e da ordem.

Na verdade, não se trata apenas de buscar a ordem através do caos ou de buscar a ordem pela ordem, nem de buscar o caos pelo caos ou mesmo de buscar o caos produzindo ordem. Nossa hipótese é que o fato de Exu ser o senhor da ordem, o poder organizador do caos, e ter um poder destrutivo — a função de policial, de vigia, de senhor das disputas, de provocar disputas, de solucionar disputas e ser um Orixá vencedor — tem a ver com a natureza do nosso mundo. Nosso mundo é separado do mundo sagrado e por isso é Exu senhor da ordem e do caos. Expliquemos.

Na visão mítica da tradição afro-brasileira, havia um mundo onde os Orixás e os humanos se relacionavam entre si. Por isso, em muitas narrativas vemos os Orixás tendo que fazer sacrifícios para conseguir as coisas. Nos primórdios, havia um só mundo onde os Orixás caminhavam com os homens, ou seja, havia um mundo comum. Mas, agora, os Orixás não podem agir do jeito que quiserem, pois o mundo está separado em dois.

Mesmo no mundo primordial, os Orixás têm de fazer sacrifício e isso ocorre para a obtenção da *energia mágica* chamada Axé. O Axé, segundo nossa interpretação, é o poder de fazer, o poder do possível, é aquilo que opera no mundo para produzir aberturas nas suas estruturas, permitindo modificá-las ou mesmo mantê-las. O Axé é a força de possibilitação de todas as coisas. Quando é dito, nesta tradição, que alguém tem Axé, isso quer dizer que esse alguém possui o poder de tornar as coisas possíveis e, quanto mais o possui, mais possibilidades cria, ao passo que, quanto menos possui, mais a vida torna restrita em termos de possibilidades. Todavia, nem todas as coisas que desejamos e que são possíveis podem ser realizadas, visto que tudo depende de uma complexa relação, de uma teia, e é nessa teia de relações que agem os Orixás e, principalmente, Exu.

Cada Orixá tem um domínio de possibilidades que comanda e, por isso, se alguém quer alguma coisa específica, tem que pedir a um Orixá específico. Todos possuem uma função determinada. A cada vez que se deseja algo é preciso negociar com os Orixás e fazer sacrifícios propiciadores. Mas há um problema: como as coisas estão relacionadas e o mundo constitui um sistema, então, em nossa interpretação, mesmo que se faça o que o Orixá pediu, as coisas podem não acontecer como gostaríamos.

Tal coisa acontece porque o mundo é dinâmico e pode ser que alguém tenha oposto outra série de potências que vão impedir a realização do que se pediu. Por exemplo, se atrasamos a consecução do que foi prescrito pelo Orixá, então tudo pode ter sido já modificado. Outras coisas podem ter desequilibrado a situação anterior. Por isso, não se trata de magia, embora isso não queira dizer que não ocorram coisas especiais, apenas que elas são raras e dependem de muitos fatores.

Um fator importante aí é o papel de Exu. Agora, podemos retornar às noções de caos e ordem. Como vimos, Exu é o senhor da ordem, mas é também quem produz desordem, caos, desequilíbrio. Se for assim, então, o dinamismo do sistema depende de Exu. Tudo depende da ação de Exu no sistema: é ele que faz as coisas acontecerem. A questão toda é que a dualidade de Exu talvez tenha relação com a dualidade do próprio mundo.

O mundo não é uma ordem absolutamente fixa, nem algo absolutamente fluído. O poder de Exu está nesta margem. Isto implica que não pode tudo. A ideia de Exu como senhor do caos e da ordem significa que há certa margem de manobra da ordem do mundo e que seu manuseio é sua tarefa.

Vejamos a corroboração disso em um mito sobre o culto a Exu como forma de obter boa fortuna:

Quando criou o mundo e enviou emissários para ensinar os homens a importância do culto. Os emissários disseram que cada pessoa tinha o seu destino e que esse destino era conhecido somente por Legba, o único que assistia Mawu em seu trabalho (DA SILVA, 2013, p.257) ⁹.

Exu é quem conhece o destino de cada um e é o único que auxilia o Deus supremo em seu trabalho. Ao saberem de seu destino, os homens podem saber como foram feitos, qual Deus deveriam cultuar, quais são suas escolhas na terra e o que seria propício fazerem: “Mawu diz a Legba a cada dia quem deve viver ou morrer, ter boa ou má sorte e querendo Legba pode mudar este destino” (Ibid, p.257). Exu tem o poder de mudar, de certo modo, as coisas que foram destinadas a serem como são. Por isso, ele deve ser cultuado, embora isso não seja algo absoluto.

Em um mito sobre a moradas dos deuses (Ibid, p.252) é dito que Exu trocou a morada de todos eles. Cada um tinha a sua (no mar, sol e lua), porém Exu os convenceu de que a morada de cada um era melhor do que a do outro, o que fez com que todos mudassem de casa. Tudo se tornou uma bagunça com Orixás do dia caminhando de noite etc. Então, foi ordenado que todos voltassem às suas moradas originais e Exu foi punido. Há uma intervenção que desfaz a confusão que Exu provocara.

Exu pode, se quiser, mudar o destino, mas pode ser que sua mudança tenha que ser revertida. Assim, se Exu pode mudar e se as coisas que muda podem retornar ao que eram, que tipo de função ele desempenha no mundo? Sua função de cuidar da ordem e de

⁹ Mawu é outro nome para Olódúmaré, o deus supremo Iorubá e Legba, outro nome de Exu.

provocar o caos revela uma função superior: Exu é criador de mundo. Exu existe para o mundo ser criado, recriado, numa palavra, transformado.

Vejamos o mito do galo preto para finalizarmos e justificarmos esta hipótese (MARTINS, 2008, p. 31-33). Nele, é dito que Exu andava pelo mundo em busca de novidades, que vivia entediado e que a falta de criatividade dos seres vivos o deixava profundamente irritado. A partir disso, ele começa a murmurar “tudo sempre igual”; “ninguém inventa ou modifica nada, que tédio!”. Exu se aproximava das pessoas e dos seres perguntando seus nomes: perguntou ao macaco: “como você se chama?”, e este respondeu: “macaco”; depois: “seu pai como se chama?”, e este responde: “macaco”; e “sua mãe?”, “macaco”. Exu se aproxima do galo preto e lhe pergunta: “galo como é que você chama?” [sic], e este responde: “galo”; e Exu continua perguntando: e “sua mulher?”, e o galo diz: “galinha”, e “seu filho?”, e o galo: “pintinho”. Exu, fica impressionado, encantado com a variedade do galo preto e adquirindo grande admiração por ele. O galo preto foi criativo e despertou o interesse de Exu.

Exu gosta da novidade, da criação. Ele não critica a ordem porque é subversivo, ou porque deseja fazer o caos. Como vimos acima, Exu agiu contra o sapo anarquista. Ele problematiza a ordem, cria situações para tanto que servem para mostrar que é sempre possível criar outra ordem e é sempre possível desfazê-la. Exu é criador de mundo. E, talvez seja necessário, para que isto aconteça, um pouco de caos, de desordem, de excesso, uma vez que tudo sempre igual pode fazer com que fiquemos insatisfeitos. Viver sempre na ordem não é satisfatório. É preciso às vezes excesso e certo desequilíbrio.

A função de Exu é desestabilizar a ordem quando está se cristaliza e diminuir a disparidade quando esta aumenta muito. É criar equilíbrio e criar desequilíbrio. Se numa vida tudo é sempre igual, aparece Exu para desequilibrar tudo. Mas quando isso se torna muito caótico, aparece Exu para criar nova ordem.

A função de Exu é de fazer o mundo girar para que a vida das pessoas possa ser elevada a patamares cada vez mais satisfatórios. A função de Exu é fazer a vida evoluir para patamares cada vez mais sofisticadas de ordem; se provoca o caos e defende a ordem é por que a vida precisa dar, cada vez mais, saltos qualitativos.

Exu é a deidade do movimento contínuo da vida, além do caos e da ordem, deus da transformação. Foi a interpretação unilateral desta dupla operação de Exu que forneceu a base para os colonizadores deturparem Exu, colocando-o na esfera do negativo. Tal é nossa interpretação desse misterioso Orixá do qual fomos iniciados há dezesseis anos. E tal seria uma sabedoria que deveríamos aproveitar nestes tempos de perplexidade: precisamos de equilibrar o desequilíbrio e desequilibrar o equilíbrio; toda desordem é promessa de ordem e toda ordem promessa de desordem. Precisamos transformarmo-nos e ao mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BASTIDE, Roger (1958). *O Candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Cia das Letras.
- DA SILVA, Vagner Gonçalves (2013). *Exu Brasil: o senhor de muitos nomes*. Tese apresentada à FFLCH da USP para obtenção do título de Livre Docência em Antropologia. São Paulo.
- FILHO, Aldo Barretti (2010). *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu: origens, tradições e Continuidade*. São Paulo: Edusp.
- MARINS, Luiz L. (2010). “Èsù Òta Òrisà, um estudo de Oríki” in *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu: origens, tradições e Continuidade*, por FILHO, Aldo Barretti. São Paulo: Edusp: 25-74.
- MARTINS, Adilson (2008). *Lendas de Exu*. Rio de Janeiro: Pallas.
- PEIXOTO, Norberto (2016). *Exu, o poder organizador do caos*. Porto Alegre: Besourobox.